

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

JULIANA BOEIRA DA SILVA

**LIBERDADE É ESCRAVIDÃO: UMA ABORDAGEM RANCIÈRIANA DOS  
PROCESSOS POLÍTICOS PRESENTES EM *1984*, DE GEORGE ORWELL**

PORTO ALEGRE

2018

JULIANA BOEIRA DA SILVA

**LIBERDADE É ESCRAVIDÃO: UMA ABORDAGEM RANCIÈRIANA DOS  
PROCESSOS POLÍTICOS PRESENTES EM *1984*, DE GEORGE ORWELL**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado ao Instituto de Letras da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul como requisito  
parcial para a obtenção do título de licenciada em  
Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Barros de Brito  
Junior

PORTO ALEGRE

2018

JULIANA BOEIRA DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Aprovado em \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Antonio Barros de Brito Junior – Orientador

\_\_\_\_\_

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Luiza Caimi - UFRGS

\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes - UFRGS

*Ao meu pai, que me apresentou  
ao mundo das letras.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço o meu pai, Carlos, que não está mais por aqui, mas que me ensinou a ser quem sou, sempre me incentivou a seguir meus sonhos e investiu mais do que ninguém na minha relação com a literatura. O meu pai é a luz que me guia para frente e a maior parte do meu coração.

À Vera, minha mãe, que me criou com muito amor, que se dedicou tanto a mim e que me proporcionou uma educação de qualidade a qual me permitiu chegar até aqui. Por ser não só a minha maior parceira de viagens, mas também de vida, eu sou eternamente grata.

À Manu, amiga que meu pai me deixou como presente. Sou grata pelos tantos conselhos práticos sobre produtividade e pelo constante interesse no andar do meu trabalho.

Agradeço, é claro, às minhas melhores amigas. À Viviane, por ser capaz de me alegrar em todo e qualquer momento, por ter feito da sua casa a minha também durante boa parte da graduação e por seguir descobrindo a vida comigo com toda a curiosidade do mundo. À Júlia pela compreensão, pelo colo, por dividir comigo quem eu sou e por me emprestar um pedacinho do seu lar toda semana. O apoio incondicional que ambas sempre me deram foi necessário para que eu chegasse até aqui.

Faço um agradecimento especial às pessoas que mais me ajudaram (e aturaram) durante o longo e, por muitas vezes, cansativo processo do trabalho de conclusão. À Mirvana, por dividir comigo as angústias, me incentivar nos momentos de dúvida e sempre compartilhar as mais diversas divagações sobre a vida. Ao Filipe, a pessoa mais amorosa que conheço, o amigo que sempre me faz ver que a vida pode (e vai!) ser boa, quem me ajuda a acreditar num futuro bonito. À Laura, que, desde o momento em que apareceu na minha vida, me fez mais feliz por ver que existem pessoas bondosas e inteligentes como ela no mundo – obrigada por ser uma das minhas maiores companheiras não só nas horas boas, mas principalmente nas difíceis. Ao Willian, por ter ouvido, mais do que ninguém, minhas inúmeras reclamações nesse período, por acreditar em mim quando eu mesma eu duvidava e, principalmente, por ser capaz de me acalmar e me deixar feliz até nos momentos de caos.

Aos companheiros de faculdade que se tornaram companheiros de vida: Thales, Patrick, Felipe, Larissa, Pedro, Samanta, Henrique, Júlia e Maria. Preciso mencionar também o Vanni, que não foi nosso colega de curso, mas foi tão presente em minha vida quanto qualquer amigo com quem convivi diariamente. Que a presença de todos vocês continue sendo sempre motivo de alegria.

À Renata, minha terapeuta, por (tentar) me manter sã nessa e em tantas outras situações de tensão. Nossos encontros sempre foram um refúgio de paz em meio a um turbilhão de sentimentos.

Gostaria de agradecer, também, a todos os profissionais da área das Letras que me inspiraram e motivaram ao longo desses cinco anos. Aos meus chefes e agora colegas de profissão Joseane e Leonardo, por terem me ensinado tanto ao longo de um ano e meio sendo meus maiores exemplos. Aos professores que encontrei na faculdade e tanto marcaram o meu percurso: à Kitty, por ter me ensinado não só sobre semântica, mas principalmente sobre humanidade; ao Menuzzi, pela colaboração essencial na minha formação como profissional e por ter me proporcionado algumas das aulas mais prazerosas que tive no Instituto de Letras; à Gabi Bulla, por ter sido uma amiga durante um semestre difícil e por sempre demonstrar acreditar tanto em seus alunos.

Finalmente, ao Antonio, meu orientador, a figura responsável pela minha escolha pela Teoria Literária, minha maior fonte de inspiração dentro da Universidade. Por embarcar comigo na minha ideia, por ter tido paciência com meu processo criativo, por ser sempre tão gentil, por me fazer sentir capaz nos momentos em que duvidei de mim, agradeço com todo o meu coração.

*Inútil você resistir  
ou mesmo suicidar-se.  
Não se mate, oh não se mate,  
reserve-se todo para  
as bodas que ninguém sabe  
quando virão,  
se é que virão.*

(Carlos Drummond de Andrade)

## RESUMO

O intuito deste trabalho é analisar os processos políticos presentes na obra distópica *1984*, de George Orwell (1948). Para tanto, serão utilizados conceitos do filósofo Jacques Rancière – entre eles o de político, política, igualdade, emancipação e democracia. Primeiramente será feito um breve resumo da obra e a contextualização na qual fora publicada, bem como uma pequena análise da trajetória biográfica de Orwell. Posteriormente, serão apresentados os conceitos rancièrianos. Por fim, será feito o entrelaçamento entre o livro e a teoria, mostrando, através de três movimentos (emancipação pela escrita, relação amorosa e confronto com o Partido), a tentativa de Winston Smith, protagonista da obra, de se rebelar contra o modelo político vigente.

**Palavras-chave:** *1984*. Orwell. Rancière. Distopia. Democracia. Emancipação. Política.



## **ABSTRACT**

This work aims to review the political processes presented in George Orwell's dystopian novel *Nineteen Eighty-Four*. For this purpose, concepts from the work of the philosopher Jacques Rancière will be applied, such as political, politics, equality, emancipation and democracy. At first, a brief summary of the novel and the historical background by the time of its publication will be made, as well as a short analysis of Orwell's life and work. Then, the Rancièrian concepts applied in this work will be introduced. Finally, the link between the novel and the theory will be drawn, showing through three movements (the emancipation by the writing process, the romantic relationship and the confrontation with the Party), main character Winston Smith's attempted rebellion against the current political regime.

**Keywords:** 1984. Orwell. Rancière. Dystopia. Democracy. Emancipation. Politics.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 1984: UMA APRESENTAÇÃO AO UNIVERSO ORWELLIANO .....</b>	<b>13</b>
<b>3 UM PANORAMA DO PENSAMENTO DE JACQUES RANCIÈRE.....</b>	<b>17</b>
<b>4 OS PROCESSOS EXISTENTES EM 1984 SEGUNDO O PENSAMENTO RANCIÈRIANO .....</b>	<b>23</b>
4.1 DE ONDE PARTE A EMANCIPAÇÃO .....	23
4.2 A RESISTÊNCIA PARTILHADA .....	26
4.3 O CONFRONTAMENTO COM A ORDEM POLICIAL .....	30
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quando eu estava no segundo ano do Ensino Médio, meu professor de Filosofia ofereceu um ponto extra para quem lesse *1984*, de George Orwell, e fizesse uma resenha. Apesar de não precisar de nenhum ponto extra, por se tratar de minha matéria favorita, acatei a proposta, com o desejo de aprender ainda mais sobre o assunto que tanto me interessava. Com dezesseis anos fiz a minha primeira leitura de Orwell, e seria possível dizer que foi naquele momento em que decidi que queria estudar literatura para o resto da vida. Meu professor talvez tenha ficado decepcionado por não arrebanhar uma jovem interessada para os ramos da filosofia, mas eu só tenho a agradecer por aquela oportunidade.

A leitura de *1984*, em um primeiro momento, é arrebatadora pela fluidez da escrita – não é à toa que talvez essa seja uma daquelas seletas obras que conseguem agradar a crítica e também o público leitor em geral. Mas é dentro de um contexto político de diminuição das liberdades individuais, censura e retrocesso em relação aos direitos daqueles que não são a camada mais alta do estrato social que a distopia criada por George Orwell se faz, além de interessante, necessária.

Em meio ao cenário político no qual o Brasil (e, fronteiras além, boa parte do mundo) se encontra, com uma onda conservadora passando sobre nós, ocorreu a ocupação da Faculdade de Letras no fim de 2016. Tendo feito parte desse movimento, acompanhei de perto a conjuntura de jovens comuns, sem nenhum destaque na sociedade, tentando promover mudanças no país. Foi nessa situação que se intensificou o desejo de ler *1984* novamente, dessa vez com olhos mais aguçados para compreender as miudezas do texto. A ideia de me ancorar no pensamento político de Jacques Rancière veio mediada, parte pela sua apresentação que me foi feita por meu orientador, parte por integrar o seu grupo de pesquisa, no qual as ideias do filósofo franco-argelino sempre acabavam entrando em pauta.

A ideia deste trabalho de conclusão de curso, portanto, é interseccionar alguns conceitos cunhados por Rancière em sua longa produção literária – como político, política, partilha, emancipação, igualdade e democracia – aos processos políticos que se desenvolvem dentro da narrativa orwelliana. O que proponho a ser feito é tentar encontrar, dentro de uma sociedade totalitarista e ditatorial, momentos em que Winston Smith, personagem principal da obra,

consegue se subjetivar como sujeito e instaurar pequenos momentos de democracia em um regime antidemocrático.

Para tanto, o percurso ao qual submeterei esse trabalho é o de, no segundo capítulo dessa composição e primeiro de seu desenvolvimento, contextualizar a produção literária de George Orwell e explicar em linhas gerais a história de *1984*. Em seguida, no terceiro capítulo, irei conceituar alguns dos principais pontos do pensamento de Jacques Rancière, especialmente os que julgo ter relação direta com a obra de Orwell.

Esses capítulos de exposição são necessários para que, finalmente, no quarto capítulo, as duas ideias possam se misturar, e o mundo distópico do escritor indiano seja visto às luzes do pensamento de Rancière. Seus subcapítulos, portanto, terão o intuito de aprofundar, nessa ordem, o processo inicial de reconhecimento de Winston como sujeito, a sua relação com Julia e o confronto final com os membros do Partido.

Ao fim do percurso, o intuito é encontrar a suposta relação entre a narrativa de um e as teorias de outro. Mais do que isso, entretanto, o intuito é pensar de que maneira um alguém sem voz pode procurar seu lugar dentro dos contextos políticos-sociais – seja na ficção, seja no mundo real.

## 2 1984: UMA APRESENTAÇÃO AO UNIVERSO ORWELLIANO

“Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força”. Os três slogans do Partido são o ponto de encontro da obra antológica de George Orwell e do frequentemente considerado pela crítica como texto mais importante já escrito no gênero da literatura distópica. *1984* conta a história de Winston Smith, funcionário de médio escalão do Partido, grupo político que governa de maneira totalitária a Oceânia, um grande bloco continental que, politicamente, tem a dimensão de um país.

Morador da província de Airstrip One, a antiga Grã-Bretanha, renomeada, como muitas outras coisas, após a tomada de poder pelo Partido, o herói da história vive uma vida de angústia e insatisfação, a qual é resumida por ir ao trabalho no Ministério da Verdade (ou Miniver, em Novafala, idioma da Oceânia), voltar para casa, alimentar-se e assistir aos anúncios do Grande Irmão, líder do Partido, que são passados na teletela de seu apartamento. As teletelas, cabe ressaltar, são grandes telas que existem em todos os lugares da Oceânia, tanto dentro quanto fora das casas, e que, além de passarem informes do Grande Irmão, funcionam como aparelho de filmagem daquilo que se encontra em seu campo de alcance.

Mapa 1 - Mapa político do mundo apresentado em 1984



Retirado de: <<http://diariocoisasimpossiveis.blogspot.com.br/2016/07/o-distopico-futuro-de-1984.html>>

O diferencial de Smith em relação à maioria dos moradores da Oceânia é que ele parece lembrar de como era a vida antes da inexistência da democracia e da tomada pelo Partido. Isso faz, portanto, com que o personagem secretamente odeie a nova estrutura política e tudo que a ela se relaciona. Assim, ao iniciar a escrita de um diário, algo considerado crime, ele aceita o seu descontentamento político e começa a se mobilizar em razão disso.

Após começar seu processo de escrita, movimento proibido pelo Partido, a próxima grande atitude transgressora de Winston é se relacionar amorosamente com Julia, sua antiga paixão platônica e também colega do Miniver. Quando Julia e Winston finalmente confessam seu amor, portanto, ambos começam a trocar ideias sobre rebelião contra o sistema político e, então, fazem de seus encontros num quarto alugado tanto um raro momento de prazer na sua dura rotina quanto um ato político, indo em direção a um movimento de resistência, a Irmandade.

A partir desse cenário, Winston e Julia são inseridos em uma narrativa de combate, na qual ambos passam a maquirar a favor de um desfecho de rebelião para o país em que vivem. É importante mencionar, além disso, a existência de O'Brien, membro interno e de alto escalão do Partido, que mente ao casal ao dizer que também faz parte da Irmandade, enviando a eles uma cópia de "O Livro", escrito por Goldstein, um membro do Partido que, secretamente, conspira contra o Grande Irmão. Nesse livro, portanto, o regime totalitário que toma conta da Oceânia é desmascarado, e é revelado o verdadeiro significado dos slogans do partido ("*Guerra é paz*", "*Liberdade é escravidão*", "*Ignorância é força*"). Essa "inserção" no mundo da Irmandade cria uma falsa ilusão de pertencimento e identificação aos personagens principais. No fim, contudo, O'Brien mostra-se um espião que buscava provas para incriminá-los e arrastá-los para a tortura, a fim de converter ambos à lógica do Duplipensar, conceito no qual os sujeitos moldam a própria mente para se censurar a respeito de pensamentos que poderiam demonstrar rebelião ou descontentamento com o Partido.

É em um dos encontros românticos do casal, portanto, que a obra chega a seu desfecho: a Polícia do Pensamento bate à porta do quarto alugado e ambos são levados ao interrogatório no Ministério do Amor. Lá eles descobrem que tanto o homem que alugara seu quarto quanto O'Brien eram integrantes da Polícia. Daí pra frente, então, eles são separados e torturados cada um em sua cela – e a partir daí perdemos vista da narrativa de Julia, ficando só com as experiências de Winston. Com o intuito de que seu crime seja confessado e que ele traia a

lealdade a Julia, ele é submetido a choques e, posteriormente, ao seu pior medo: uma sala de tortura que continha uma caixa com ratos, o Quarto 101. É aí, portanto, que Winston desiste. Após quebrar a lealdade à sua amada, ele finalmente é solto, agora “re-educado”, dando finalmente a vitória ao *duplipensar*.

Mas estava tudo bem, estava tudo certo, a batalha finalmente chegara ao fim. Ele conquistara a vitória sobre si mesmo. Winston amava o Grande Irmão.  
(ORWELL, 2010, p.346)

É nesse panorama que as relações de poder se dão em *1984*. Aqui, portanto, é necessário pensar um pouco sobre as vivências de seu autor, as quais o levaram a constituir a obra dessa maneira: mostrando as pequenas tentativas de erupção da democracia indo ao naufrágio diante de regimes políticos totalitários totalmente avassaladores.

Eric Arthur Blair, o nome de batismo de Orwell, nasceu em 25 de junho de 1903, em Motihari, colônia, na época, da Índia Britânica. Na faculdade, chegou a ser aluno de Aldous Huxley, um dos precursores da literatura distópica, a qual seria explorada posteriormente por Blair. O escritor participou da Polícia Imperial da Índia, onde conviveu com uma realidade diferente da vivida pela maioria dos jovens de sua idade. O que colocou Orwell no mundo das letras, finalmente, foi a sua carreira como jornalista, na qual publicou seus importantes ensaios, como “O que é fascismo?” e “Dentro da baleia”.

Tendo nascido no início do século XX e morrido em 1950, ele, então, acompanhou de perto o período de guerras, tendo, inclusive, lutado na Guerra Civil Espanhola ao lado do grupo anarquista. Dessa forma, é difícil desvincular a figura do escritor da cena política, uma vez que ele se dedicou tantos anos à escrita sobre o tema e, inclusive, sentiu na pele a experiência de um mundo em guerra:

A situação de um escritor numa época de controle estatal é um tema já amplamente debatido, embora a maior parte dos testemunhos que poderiam ser pertinentes ainda não esteja disponível. Não quero aqui expressar uma opinião favorável ou contrária ao patrocínio estatal das artes, mas apenas salientar que o tipo de Estado que nos governa deve depender em parte da atmosfera intelectual dominante: quer dizer, nesse contexto, deve depender em parte da atitude dos próprios escritores e artistas, e de sua disposição ou não de manter vivo o espírito do liberalismo. (ORWELL, 2005, p.80)

Dessa maneira, a inclinação à temática política se deu como natural diante do quadro em que ele se encontrava.

O escritor faz parte do rol seletivo de autores que mescla política e literatura sem, com isso, cair na armadilha da “arte engajada”. A arte de Orwell é certamente engajada, mas isso não significa prejuízo para a arte, que assim não obedece ao pensamento político, mas, de fato, o constitui. (ITUASSU, 2006, p.8)

Essa observação se faz essencial, uma vez que Orwell expressara diversas vezes, como ensaísta e cronista, a sua discordância da arte feita com o simples propósito de ser uma “arte engajada”. Em “Escritores e Leviatã” (“*Writers and Leviathan*”), um de seus ensaios, ele versa, contudo, sobre a necessidade de escrever sobre política no contexto em que se encontrava:

Esta é uma época política. A guerra, o fascismo, os campos de concentração, os cassetes de borracha, as bombas atômicas etc. são no que pensamos todos os dias, e portanto são, em grande parte, sobre o que escrevemos, mesmo quando não os mencionamos abertamente. Não podemos evitar. Quando estamos num navio prestes a naufragar, nossos pensamentos se concentram em navios prestes a naufragar. (ORWELL, 2005, p.80)

A literatura política, então, não surgiu para servir aos caprichos de uma pretensão de engajamento, e sim como produto de uma situação. No prefácio de *O que é fascismo? E outros ensaios*, Sérgio Augusto ressalta, porém, o desejo do autor:

Jamais escondeu que sua maior ambição “era fazer do texto político uma arte”. Fez. Herbert Read não foi o primeiro nem o último a reconhecer que Orwell deu ao jornalismo “a dignidade da literatura”. (AUGUSTO, 2017, p.10)

A sua escrita política voltada ao jornalismo, contudo, estende-se à sua escrita em geral, contemplando, portanto, toda sua literatura. É assim, então, que se dá a criação de *1984*, num contexto político mundial conturbado e vindo da cabeça de alguém que pensou a guerra e os regimes democráticos dos mais variados pontos de vista. As reflexões sobre o que é democracia e como se constitui a política, dessa forma, fazem-se presentes ao longo de toda a obra, colocando o mundo fictício de Orwell como palco para encenação do que se vê, cotidianamente, no mundo real.



### 3 UM PANORAMA DO PENSAMENTO DE JACQUES RANCIÈRE

A análise da obra orwelliana exposta no primeiro capítulo mostra a inclinação do autor para a temática do político. Assim, sua escrita é constantemente permeada por assuntos que abordam a democracia, os regimes totalitários e a tentativa de emancipação de pessoas que se veem, em alguma situação, totalmente à margem da sociedade e de escolhas relativas a posições de poder. Esse mapeamento do que foi feito por Orwell também pode ser encontrado na obra de outro autor, que, por sua vez, não coloca esses conceitos em obras ficcionais, mas os pensa aprofundadamente e tenta defini-los: Jacques Rancière. Para fazer a intersecção entre essas ideias e o que se apresenta em *1984*, é preciso, portanto, identificar a visão de Rancière sobre os conceitos que são tocantes à obra de Orwell.

Jacques Rancière é um filósofo franco-argelino nascido em 1940, na antiga Argélia Francesa, ainda em atividade profissional, tendo sido, entre 1969 e 2000, professor de Estética e Política da Universidade de Paris VII. Ele chegou a ser aluno de Jacques Derrida, de quem não se considera um discípulo, contudo admite admirar sua obra, que trata, entre tantas temáticas, sobre política. Os trabalhos de Rancière, por sua vez, são frequentemente ligados à estética, mas sua vasta produção escrita extravasa facilmente essa caixa e pode se enquadrar em diversas áreas de conhecimento. Rancière, portanto, pensou (e ainda pensa) sobre muita coisa ao longo de sua vida, mas a ligação com a temática política se destaca em sua obra.

No prefácio de *Políticas da Escrita*, o autor conceitua a escrita como um ato político, uma vez que ela é “o ato de um sujeito a um desdobramento e a uma disjunção essenciais” (RANCIÈRE, 2017, p.7). Essa frase explica um pouco da ideia do político para Rancière: algo que se dá na existência de uma dissensão, de uma cena em que há, acima de disputas, diferenças sendo colocadas frente a frente. Assim, para o filósofo, “o político é o encontro de dois processos heterogêneos” (RANCIÈRE, 2014, p.69), por isso o processo de atrito é tão importante para que esse fenômeno se concretize: se dois iguais dialogam ou mesmo se dois sujeitos diferentes buscam consenso, não há político.

Para essa conceituação é importante, também, ressaltar a diferença entre político e polícia. Para Rancière, o governo tem relação direta com a polícia, e não com o político. Diz-se isso porque o papel do governo é o de assentar as pessoas em suas camadas sociais, e não o de

promover encontros disjuntivos. Assim, os pilares governamentais buscam criar uma hierarquia dentro da comunidade e cessar tudo aquilo que vai contra o que eles consideram próspero para o contexto social – e esse movimento não permite discussão, embate, atrito. Aqui o pensamento do filósofo franco-argelino se encaixa perfeitamente no contexto de 1984, onde há não um governo embasado por preceitos democráticos, mas um regime totalitário, no qual a censura é clara e aberta. Comparar diretamente, portanto, o governo à polícia parece um ato lógico quando colocado nesse plano.

Por diante é necessário pensar na concepção do que vem, então, a ser *a* política. Trata-se, logo, da “atividade que tem por princípio a igualdade” (RANCIÈRE, 1996, pg. 11). Isso faz da política a resultante entre o conflito do político (um ato de disjunção) com a polícia (uma tentativa de preservação de heterogeneidade social). Encontra-se a igualdade quando há essa quebra, quando a polícia consegue ser, mesmo que por instantes, silenciada, para que o político se faça presente.

A política começa justamente onde se pára de equilibrar lucros e perdas, onde se tenta repartir as parcelas do comum, harmonizar segundo a proporção geométrica as parcelas de comunidade e os títulos para se obter essas parcelas, as *axiai* que dão direito à comunidade. Para que a comunidade política seja mais do que um contrato entre quem troca bens ou serviços, é preciso que a igualdade que nela reina seja radicalmente diferente daquela segundo a qual as mercadorias se trocam e os danos se reparam. (RANCIÈRE, 1996, p.21)

O fazer da política, portanto, pressupõe a existência dessa dissensão entre aqueles que dialogam em determinada cena. É preciso que haja uma diferença, mas que essa diferença seja colocada em xeque e afirmada. A política surge quando a heterogeneidade dos papéis sociais, tão almejada pela polícia, consegue ir se quebrando, uma vez que os sujeitos enxergam em si os responsáveis pela sua emancipação. Essa emancipação, portanto, pressupõe a existência de um “ser político” que possui a fala não só como característica inerente ao animal humano, mas como forma de poder. É aqui que pode começar a surgir essa situação de desentendimento tão essencial pro filósofo, quando os sem voz passam a saber que a sua voz é mais do que mera condição produzida por um agrupamento de cordas vocais.

A situação extrema de desentendimento é aquela em que X não vê o objeto comum que Y lhe apresenta porque não entende que os sons emitidos por Y compõem palavras e agenciamentos de palavras semelhantes aos seus. (RANCIÈRE, 1996, p.13)

É necessário, dessa forma, entrar na conceituação de “desentendimento” para Rancière.

Por desentendimento entenderemos um tipo determinado de situação de palavra: aquela em que um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro. O desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. É o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco mas não entende a mesma coisa, ou não entende de modo nenhum que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura. (RANCIÈRE, 1996, p.11)

O conceito proposto pelo autor se faz presente em algumas situações, como quando um dos falantes se encontra em uma posição tão distante do outro que a palavra dita por um significa simplesmente algo totalmente diferente para outro, ainda que o significante seja exatamente o mesmo. Esse desentendimento, por conseguinte, surge no momento em que aqueles que ocupam o espaço mais baixo dessa pirâmide social se identificam como massa até então desqualificada.

O povo nada mais é que a massa indiferenciada daqueles que não têm nenhum título positivo — nem riqueza, nem virtude — mas que, no entanto, têm reconhecida a mesma liberdade que aqueles que os possuem. A gente do povo é de fato simplesmente livre como os outros. Ora, é dessa simples identidade com aqueles que, por outro lado, lhes são em tudo superiores que eles tiram um título específico. (RANCIÈRE, 1996, p.23)

Para Rancière, portanto, a união dos *sem voz* é o que os faz, finalmente, ter voz. É quando essa gente que não tem “nenhum título positivo”, mas tem a liberdade como denominador comum, faz da sua única característica verdadeiramente *democrática* — uma vez que atinge não só os sem riqueza e sem virtude, mas também aqueles possuidores de riqueza e virtude e, por sua vez, heterogeneamente colocados dentro da cadeia social — o fator necessário para que exista uma emancipação não só de sujeito a sujeito, mas, também, de toda uma classe: a classe dos sem nome. Citando as palavras do próprio autor, “o nome de uma categoria que é vítima de um dano e invoca os seus direitos é sempre o nome do anônimo, o nome de qualquer um” (RANCIÈRE, 2014, p70).

No terceiro capítulo de *Nas Margens do Político*, intitulado “Político, política, identificação e subjetivação”, o autor, ao falar da universalidade que só pode ser alcançada mediante a subjetivação dos sem voz, exemplifica sua tese a partir das primeiras militantes feministas francesas, que formularam a questão “uma francesa é um francês?” para provar o seu ponto. É a partir de frases “absurdas” (e aqui cabem as aspas uma vez que, por mais que o questionamento pareça empiricamente burro, na prática ele funciona melhor do que aquilo que

fugiria do tal “absurdo”) que o movimento feminista francês conseguiu colocar suas indagações em pauta. Nas palavras do próprio filósofo:

Mas frases “absurdas” desse gênero podem ser bem mais produtivas, no processo da igualdade, do que a simples afirmação de que os trabalhadores são trabalhadores e de que as mulheres são mulheres. Elas não manifestam apenas uma falha lógica, que, em si mesma, revela os meandros da desigualdade social. Elas também permitem articular essa falha como uma relação, transformar o não-lugar lógico no lugar de uma demonstração polêmica. A construção desses casos da igualdade não é o resultado de uma identidade em acto, nem a demonstração de valores específicos em grupo. Ela constitui um processo de subjetivação. (RANCIÈRE, 2014, p.71-72)

Caminhando na mesma linha, é possível estabelecer um paralelo com quem responde, hoje em dia, comentários machistas ou racistas com questionamentos que parecem bobos, como “como assim mulheres dirigem pior que homens?” ou “mas por que negros são diferentes de brancos?”. Essa parece, contudo, ser a única saída para que aqueles que aparentam ter os olhos vendados diante de uma situação praticamente óbvia busquem enxergar. Essa vertente dialética, que mostra de maneira óbvia uma questão a qual parece até mesmo ilógica, serve para demonstrar que a subjetivação de *um* só se dá por meio do seu diferenciamento do *outro*. Dessa maneira, “um processo de subjetivação é assim um processo de desidentificação ou desclassificação” (RANCIÈRE, 2014, p.72). Assim sendo, para que exista a subjetivação política, na visão do filósofo, é necessário que um grupo negue a identidade imposta por um outro, num movimento anti-policial. É essa recusa dos *sem nome* que possibilita a união de um grupo em prol da sua parte do todo, de uma partilha que não lhe gere dano, invertendo a lógica social.

É assim, pensando em partilha e repartilha, então, que Rancière conceitua a “partilha do sensível”.

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. (RANCIÈRE, 2009, p.15)

Refutando Aristóteles, segundo o qual só animal falante é um animal político, o filósofo franco-argelino diverge do filósofo grego quando este diz que o escravo, ou seja, um animal falante que não tem parte alguma na divisão social, pode apenas compreender a linguagem, mas jamais possuí-la, pois sem a posse da linguagem não é possível se criar cena política. Assim, então, o

homem só pode se apropriar do seu teor político quando ele tem espaço para isso, quando não exerce uma função que o impossibilite de tal (como ocorre com o escravo ou com o trabalhador braçal, que não têm nem tempo para se dedicar a qualquer atividade que não seja o teu trabalho). É importante ressaltar essa situação para corroborar a ideia de Rancière de que o assujeitamento impede a subjetivação do homem e, portanto, diante de uma polícia social forte, a partilha fica estabelecida de uma vez por todas, uma vez que um grupo social se mostra *sem parte* nessa divisão:

A justiça enquanto princípio de comunidade não existe ainda ali onde todos se ocupam unicamente em impedir que os indivíduos que vivem juntos se causem danos recíprocos e em reequilibrar, ali onde o causam, a balança dos lucros e das perdas. Ela começa somente ali onde se trata daquilo que os cidadãos possuem em comum e onde se cuida da maneira como são repartidas as formas de exercício e controle do exercício desse poder comum. (RANCIÈRE, 1996, p.20)

Dessa forma, a repartilha de um espaço partilhado apenas para um grupo, colocando outro agrupamento social em situação de exclusão, faz-se necessária para que haja justiça dentro de uma comunidade. Portanto, para que seja possível pensar em momentos de democracia, é mister que o dano causado sempre às mesmas pessoas venha a ser remodelado, ou melhor, subjetivado como dano comum, dano de todos, e penda, enfim, para outros estratos sociais

Logo, adentrando nesse ponto, é possível pensar como se coloca para o autor, finalmente, o conceito de democracia. Para ele, a democracia não é uma forma constitucional. Dizer, portanto, que vivemos em um governo democrático seria uma afirmação falsa. O que se chama, então, de regime democrático, não seria nada mais que um regime aristocrático. Rancière exemplifica sua tese com o caso de povos que se sentem no direito de *levar a democracia* para outros povos – ou seja, existe uma parte detentora desse poder e outra que está sob a sua tutela.

Sob esse aspecto, Rancière (2006) irá falar das incursões militares recentes promovidas pelos Estados Unidos ao Iraque como exemplos ideais desse regime: a democracia e a igualdade se tornam “bens” a serem disseminados (mesmo que à força) àqueles que ainda não tiveram a suposta competência de reconhecer suas benesses. (LELO & MARQUES, 2013, p.353)

Essa perspectiva, falsamente democrática para o filósofo, de que existe alguém detentor do poder, seja ele de levar a iluminação para um povo “ignorante”, seja de que existe, dentro de um mesmo sistema, aqueles que governam e aqueles que obedecem, acaba com a promessa de

horizontalidade que os ideais democráticos carregam consigo. Na visão de Rancière, então, a democracia se constitui mais como uma cena do que como um regime. Ela ocorre quando àqueles que não teriam, *naturalmente*, o poder de governar (e aqui se faz presente a ideia de vivermos, ainda, em um governo aristocrático) é dado o poder de refazer a partilha do sensível.

A democracia nunca deixou de estar sob suspeita até aos olhos dos próprios democratas. Aqueles que lutavam com mais vigor pelos direitos democráticos eram muitas vezes os primeiros a suspeitar de que esses direitos eram apenas formais, não eram mais que a sombra da verdadeira democracia. (RANCIÈRE, 1996, p.99)

A democracia ocorre, então, quando há a contagem daqueles que não são, geralmente, contados, e, mais do que isso, quando esses excluídos da contagem se colocam em posição de apontar as impropriedades desse regime em que vivem. Nos momentos em que essa não é a sistemática seguida, a presença de um regime democrático não passa de utopia.

É diante desses pensamentos – poucos entre os tantos estabelecidos por Jacques Rancière ao longo de toda sua vasta bibliografia como filósofo – que se pode enxergá-lo como alguém que, acima de tudo, pensou a política e suas implicações. Seu pensamento, dessa forma, além de vasto, mostra-se, muitas vezes, um respiro no meio de tantas teorias que parecem simplesmente copiarem umas às outras ainda no dia de hoje. Enxergando por esse viés, dessa forma, no próximo capítulo procura-se entrelaçar as noções estabelecidas por Rancière à obra distópica de Orwell, uma vez que ambas as partes se centram em questões como política, democracia e igualdade. A ideia de unir a teoria do filósofo franco-argelino com os escritos do autor inglês surge com o intuito de enxergar momentos de democracia dentro de um contexto distópico e tentar entender os processos de emancipação e subjetivação de Winston e Julia em sua trajetória contra o sistema vigente na Oceânia.

## 4 OS PROCESSOS EXISTENTES EM 1984 SEGUNDO O PENSAMENTO RANCIÈRIANO

### 4.1 DE ONDE PARTE A EMANCIPAÇÃO

*How much deception can you take?  
How many lies will you create?  
How much longer until you break?  
You mind's about to fall  
(Muse)*

“Era um dia frio e luminoso de abril, e os relógios davam treze horas.” (ORWELL, 2010, p.10). A saga de Winston Smith, personagem central de *1984*, começa dessa maneira. Em um contexto narrativo de terceira pessoa que acompanha permanentemente esse mesmo personagem, a contagem da história de insatisfação contra o sistema político vigente na Oceânia no ano de 1984, um regime totalitário que se utiliza do maior número de tecnologias possíveis para controlar a sua população ao máximo. É nesse dia de abril, especificamente no dia 4, que Winston decide, no maior ato de rebeldia por ele praticado até então, iniciar a escrita de um diário. Para tanto, ele faz uso de um caderno velho, produzido nos meados dos anos 1940, o qual havia sido por ele encontrado em uma “lojinha de badulaques” (ORWELL, 2010, p.16). O caderno amarelado, portanto, é o ponto de partida para que o desejo que já residia dentro de Smith viesse à tona, e ele, então, começasse a colocar seus pensamentos no papel.

A coisa que estava prestes a fazer era começar um diário. Não que isso fosse ilegal (nada era ilegal, visto que já não existiam leis), mas se o fato fosse descoberto era praticamente certo que o punissem com a morte ou com pelo menos vinte e cinco anos de prisão em algum campo de trabalhos forçados. (ORWELL, 2010, p.17)

A ação ao mesmo tempo libertadora e aprisionante de Winston inicia uma trajetória de busca por emancipação dentro de um mundo que não abre espaço para a individualidade. É nas primeiras páginas da obra de Orwell que o livro e o pensamento de Jacques Rancière começam se interseccionar. Quando Winston Smith deseja se expressar por meio da palavra, na escritura de um diário, ele procura uma das únicas maneiras de ser um sujeito uno e livre de qualquer tipo de vigilância. Segundo a teoria Rancière, aqui se inaugura, então, uma tentativa de emancipação. Para ele:

A emancipação humana é então a verdade da humanidade livre para além dos limites da cidadania política. Mas, durante o percurso, essa verdade do homem muda de lugar. O homem não é a realização por vir para além da representação política. Ele é a verdade escondida sob essa representação: o homem da sociedade civil, o proprietário egoísta ao qual corresponde o não-proprietário, cujos direitos de cidadão só estão ali para mascarar seu não-direito radical. (RANCIÈRE, 1996, p.90)

Quando Rancière fala que o homem “é a verdade escondida” sob a representação política, a relação com a obra de Orwell também se faz. Em 1984, durante o expediente de trabalho dos funcionários dos Ministérios, o Estado faz a transmissão dos Dois Minutos de Ódio. O Ódio, como abrevia Winston, se trata da exibição da imagem e do áudio da fala de Emmanuel Goldstein, o “Inimigo do Povo, ex-figura de destaque do Partido que havia se aliado a atividades “contrarrevolucionárias”<sup>1</sup> e, então, passou a ser diariamente transmitido via teletela para que a população brade gritos de ódio e até mesmo danifique a pancadas o aparelho televisor. A simulação de ódio e violência, então, tenta se vender como um alívio para a população. Mas, seguindo o pensamento rancièriano, essa é apenas mais uma das maneiras de mascarar os direitos dos não-cidadãos, daqueles que não detêm o poder. A manobra do Partido, então, além de servir para desestimular atos “contrarrevolucionários” por parte das pessoas também se faz útil para que o povo tenha uma falsa ideia de contentamento e liberdade, nem que seja por breves dois minutos.

“O mais horrível dos Dois Minutos de Ódio não era o fato de a pessoa ser obrigada a desempenhar um papel, mas de ser impossível manter-se à margem. Depois de trinta segundos, já não era preciso fingir. Um êxtase horrendo de medo e sentimento de vingança, um desejo de matar, de torturar, de afundar rostos com uma marreta, parecia circular pela plateia inteira como uma corrente elétrica, transformando as pessoas, mesmo contra sua vontade, em malucos a berrar, rostos deformados pela fúria.” (ORWELL, 2010, p.25)

Ao criar uma cena em que cada participante dos Dois Minutos fica tão imerso na situação em que está vivendo que se torna praticamente impossível ficar alheio àquela situação, Orwell descreve bem o momento em que a polícia estatal consegue inserir as pessoas na sua lógica de

---

<sup>1</sup> Winston chama o grupo dissidente do Partido de “contrarrevolucionário” uma vez que o golpe dado pelo IngSoc, o acrônimo de “Socialismo Inglês” e também nome do partido que governa a Oceânia, é considerado um ato revolucionário pela população local. A ideia de uma revolução que instaura um governo totalitário, contudo, soa irônica para os leitores – assim, quem parece o verdadeiro revolucionário é Goldstein, e não o Grande Irmão.



poder. A impossibilidade de ficar psicicamente de fora de uma situação que promove ódio gratuito é a prova de que o poder de manipulação de massa, então, vem sendo bem feito.

O narrador, contudo, destaca que, para Winston, a ordem das coisas já parecia estar se invertendo:

Assim, em determinado instante a fúria de Winston não estava nem um pouco voltada contra Goldstein, mas, ao contrário, visava ao Grande Irmão, o Partido e a Polícia das Ideias; e nesses momentos seu coração se solidarizava com o herege solitário e ridicularizado que aparecia na tela, único guardião da verdade e da saúde mental num mundo de mentiras.” (ORWELL, 2010, p.25)

Esse, por conseguinte, parece ser o momento em que a chave de funcionamento do personagem principal do romance virara: quando Smith parece simpatizar mais com a imagem que estava sendo condenada do que com o líder que o governava, o processo de emancipação se inicia. Esse ato silencioso de discordância começa, então, a se tornar barulhento no momento em que o protagonista retira seu caderno antigo de dentro da escrivaninha e decide começar a expressar, nem que seja para um pedaço de papel, seu descontentamento.

De acordo com Jacques Rancière, “a revolução estética é antes de tudo a glória do *qualquer um*” (RANCIÈRE, 2009, p.48). É nessa afirmação que o ato insurgente de Winston se ancora, uma vez que, no mundo da escrita, o *qualquer um* que ele configura pra sociedade Oceânica passa a ser *um alguém*. “Para quem, ocorreu-lhe perguntar-se de repente, estava escrevendo aquele diário? Para o futuro, para os não nascidos” (ORWELL, 2010, p.18). Quando o herói começa a escrever “ABAIXO O GRANDE IRMÃO” (ORWELL, 2010, p.29) em letras garrafais no seu caderno, a esperança é que, então, alguém do futuro o leia. Que a sua palavra seja significativa em alguma circunstância, que o seu ato de rebeldia sirva como inspiração para mais algum funcionário do Ministério que não suporta mais a própria vida.

Para Rancière:

Na atenção apaixonada que as sociedades escolarizadas dão ao aprendizado da escrita e à posição correta do corpo do jovem aluno, mais ainda que à perfeição daquilo que ele escreve, transparece um valor fundamental: antes de ser o exercício de uma competência,

o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível<sup>2</sup> e dar sentido a essa ocupação. (RANCIÈRE, 2017, p. 7)

Sendo a escrita, por conseguinte, essa maneira de ocupar o sensível, a manobra inicial de Winston traçada por Orwell parece, então, o pontapé inicial para o mundo de descobertas internas e externas pelas quais o herói irá passar ao longo de sua trajetória. A apropriação da palavra, assim, marca a primeira insurgência do personagem como sujeito. Por ora, essa guinada parece suficiente – contudo, ao ocorrer o encontro de Winston com Julia, fica claro que apenas o ato da escrita não é suficiente para que haja uma (tentativa de, ao menos) mudança na ordem das coisas.

#### 4.2 A RESISTÊNCIA PARTILHADA

*Is our secret safe tonight?  
And are we out of sight?  
Or will our world come tumbling down?  
Will they find our hiding place?  
Is this our last embrace?  
Or will the walls start caving in?*  
(Muse)

A aproximação entre Winston e Julia começa de maneira torta. O protagonista passara longos períodos notando que vinha sendo observado por uma mulher de cabelo escuro, a qual nunca fizera menção de lhe abordar – até mesmo pelo funcionamento do regime em que os dois viviam –, contudo seu olhar sempre parecia pairar sobre a sua figura em situações de agrupamento. O comportamento de Julia, assim, despertou primeiramente uma sensação de medo: seria ela integrante da Polícia das Ideias? Winston não sabia e, sem nenhuma forma de acesso direto à mulher, só podia especular. Foi numa manhã em que ele deixou sua estação de trabalho para ir ao banheiro que ele e a garota de cabelo escuro tiveram seu primeiro contato direto. Júlia tropeçou em frente a Winston (provavelmente simulando uma queda, é claro) e, ao ser ajudada por ele, durante as poucas palavras trocadas entre os dois, enfiou um papel em sua mão.

---

<sup>2</sup> Em seguida, Rancière conceitua a partilha do sensível. “Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como a relação entre um conjunto comum e partilhado e a divisão de partes exclusivas se determina no sensível” (RANCIÈRE, 2017, p.8).

“Fosse o que fosse que estava escrito no papel, devia ter algum sentido político” (ORWELL, 2010, p.131). A mensagem de Julia não se tratava, porém, do esperado por Winston: alguma ameaça, convocação ou ordem de suicídio. Não deixava, contudo, de ter um sentido político: era uma mensagem de amor. No pequeno papel dobrado na palma do funcionário do Mistério se encontrava escrito, nas palavras do narrador, “numa caligrafia miúda e imatura” (ORWELL, 2010, p.132), “amo você.” Inserido num contexto totalitário, de dominação dos pensamentos e das relações interpessoais, declarar o amor por alguém – quem dirá por um mero desconhecido – se configura como um dos maiores atos políticos que alguém poderia cometer. Quando Jacques Rancière atribui a política a uma atividade que busca, por princípio, a igualdade, a procura por esse nivelamento entre, até então, desiguais, pode se dar das mais diversas formas. Aproximar-se com intenções amorosas, então, de um funcionário de outra repartição, cuja origem a personagem praticamente desconhece, é, na conjuntura política da Oceânia, uma maneira de dizer “nós estamos do mesmo lado do jogo, fazemos, *igualmente*, parte dos *sem parte alguma*”.

A iniciativa da jovem é, dessa forma, o ponto de partida para iniciem os encontros amorosos do casal. Cada confluência entre ambos, contudo, passa pelo obstáculo da vigilância constante: não seria, de maneira alguma, aceito pelo Partido que os dois se encontrassem para fazer sexo. Nas palavras do narrador:

A intenção do Partido não era apenas impedir que homens e mulheres desenvolvessem laços de lealdade que eventualmente pudessem escapar do seu controle. O objetivo verdadeiro e não declarado era eliminar todo o prazer do ato sexual. O inimigo era menos o amor que o erotismo, tanto dentro como fora do matrimônio. (ORWELL, 2010, p.84)

O repúdio ao ato sexual como forma de obtenção de prazer, dessa forma, mostra-se como arma de controle do povo. Uma vez que os desejos sexuais são inibidos, toda a energia de cada um dos habitantes da Oceânia fica voltada para dois atos: trabalhar em prol da nação e se rebelar contra os dissidentes, como Goldstein. É a ação policial descrita por Rancière em sua máxima potência:

A polícia é assim, antes de mais nada, uma ordem dos corpos que define as divisões entre os modos do fazer, os modos de ser e os modos do dizer, que faz que tais corpos sejam designados por seu nome para tal lugar e tal tarefa; é uma ordem do visível e do dizível que faz com que essa atividade seja visível e outra não o seja, que essa palavra seja entendida como discurso e outra como ruído. (RANCIÈRE, 1996, p.42)

Ao proclamar que os funcionários de baixo escalão do Ministério (isso para não falar dos *proletas*, que serão retomados futuramente neste trabalho) não podem manter relações sexuais com seus semelhantes, o que o governo totalitário faz é exatamente *definir as divisões entre os modos de fazer, ser e dizer*. Quebrar, portanto, ainda que por baixo dos panos, essa ordem se consagra como uma ação de libertação, uma recusa ao modelo pronto de partilha social que é imposto. Na obra de Orwell, Julia resume a questão de maneira muito lúcida.

Quando você faz amor, está consumindo energia; depois se sente feliz e não dá a mínima para coisa nenhuma. E eles não toleram que você se sinta assim. Querem que você esteja estourando de energia o tempo todo. Toda essa história de marchar para cima e para baixo e ficar aclamando e agitando bandeiras não passa de sexo que azedou. Se você está feliz na própria pele, por que se excitar com esse negócio de Grande Irmão, Planos Trienais, Dois Minutos de Ódio e todo o resto da besteirada? (ORWELL, 2010, p.161)

É a partir desses diálogos que a relação dos dois vai se consolidando. Ao longo dos encontros, o cunho do sentimento existente entre eles parece, gradualmente, mover-se do simples prazer de burlar as regras do Estado e, de quebra, aliviar sua pulsão sexual para um afeto crescente, um carinho protetor que une progressivamente os dois amantes. A relação se solidifica, também, quando Winston encontra um ponto fixo de encontro para os dois, após eles terem de que ir a tantos esconderijos secretos diferentes e sentirem sempre o mesmo medo de serem pegos. É no quatinho em cima da loja do senhor Charrington, o mesmo que vendera o caderno antigo para o protagonista iniciar seu diário, que eles criam esse mundo suspenso, onde há não espões, *duplipensamento* ou teletelas – informações que foram descobertas numa conversa despreziosa entre Smith e Charrington, quando este contou que nunca tivera dinheiro para comprar uma teletela e por isso vivia sem uma. Esse lugarzinho encontrado por eles, portanto, parece ser o retorno de Winston ao mundo do qual ele ainda pouco lembra, um mundo onde as liberdades pessoais ainda se fazem presentes.

Quatro, cinco, seis – sete vezes eles se encontraram durante o mês de junho. Winston abandonara o hábito de beber gim a todo momento. Parecia ter perdido a necessidade daquilo. Engordara um pouco, sua úlcera varicosa melhorara, deixando apenas uma mancha marrom na pele acima do tornozelo, as crises matutinas de tosse haviam cessado. O processo de viver deixara de ser intolerável, ele já não sentia o impulso de fazer caretas para a teletela ou de gritar insultos em plenos pulmões. Agora que possuíam um esconderijo seguro, quase um lar, nem parecia uma provação o fato de se verem só de vez em quando, e por um par de horas de cada vez. O importante era saber que o quatinho nos altos da loja existisse. Saber que estava lá, inviolado, era quase o mesmo

que estar nele. O quarto era um mundo, um bolsão do passado onde animais extintos podiam se mover. (ORWELL, 2010, p.180)

Além dessa perspectiva de ventura no que antes era insuportável, a união dos dois vai tomando mais claramente um cunho político. Winston se mostra embaçado com o desprendimento de Julia em relação ao Partido e aos rituais a que eles são submetidos – o auge talvez seja quando ela conta ter vontade de rir durante os Dois Minutos de Ódio, situação que move tão fortemente o sentimento de ira no personagem. O sentimento de identificação que permeia os encontros entre eles, então, é um fator que aproxima e unifica ambos rumo às mesmas direções: o prazer e a rebeldia.

Ao perguntar para Julia, durante um de seus encontros, se ela gostava mesmo de fazer sexo (uma vez que as mulheres da Oceânia eram submetidas ao pensamento de que as relações sexuais eram erradas por puro prazer e só serviriam para gerar crianças), Winston recebe uma resposta assertiva. O narrador, então, declara: “Acima de tudo, era o que Winston queria ouvir. Não apenas o amor por uma pessoa, mas o instinto animal, o desejo simples e indiferenciado: essa era a força capaz de estraçalhar o partido” (ORWELL, 2010, p.153). Logo em seguida, ele completa. “A união dos dois fora uma batalha; o gozo, uma vitória. Era um golpe assentado contra o partido. Um ato político” (ORWELL, 2010, p.153).

A visão de ato político, aqui, fica dada cristalinamente, dita pelas próprias palavras do protagonista. Aproximando o livro do pensamento rancièriano, então, o gozo citado por Orwell assume o cunho de prazer não só sexual, mas do prazer em subverter a lógica impressa pelo Partido na população. Ter prazer, aqui, é um ato de libertação, de revolta, é a disjunção do sistema sendo criada através de um ato físico. Nas palavras de Rancière:

o que constitui o caráter político de uma ação não é seu objeto ou o lugar onde é exercida mas unicamente sua forma, a que inscreve a averiguação da igualdade na instituição de um litígio, de uma comunidade que existe apenas pela divisão. (RANCIÈRE, 1996, p.44)

Assim sendo, os dizeres do filósofo corroboram a ideia de que o ato político não precisa ser necessariamente feito apenas com uma intenção *completamente* política, mas pode partir de qualquer ação de quebra de paradigma.

No que se segue no próximo subcapítulo de análise deste trabalho, porém, iremos mais fundo, após termos explorado a relação entre o casal da trama, como esse desejo de rebelião, que começa nos encontros íntimos dos dois, vai além e perpassa as paredes do quartinho suspenso do senhor Charrington.

#### 4.3 O CONFRONTAMENTO COM A ORDEM POLICIAL

*They will not force us  
They will stop degrading us  
They will not control us  
We will be victorious  
(Muse)*

Os momentos compartilhados entre Julia e Winston, após a passagem do tempo, começaram a ser refúgios, portanto, não só para a insatisfação pessoal que cada um sentia com a sua própria vida naquele contexto político. As confissões, então, deixaram de ser apenas amorosas e começaram a tomar cunho *explicitamente* político.

[...] falavam em rebelar-se ativamente contra o Partido, mas sem ter a menor ideia de como dar o primeiro passo nesse sentido. Mesmo que a fantasiosa Confraria fosse real, restava a dificuldade de saber como fazer para encontrá-la. Ele falou a ela da estranha intimidade que existia, ou parecia existir, entre ele e O'Brien e do impulso que às vezes sentia de simplesmente se apresentar a O'Brien, informá-lo de que era inimigo do Partido e pedir-lhe ajuda. (ORWELL, 2010, p.182)

Contudo, para a alegria de Winston, ele não precisou agir: O'Brien foi quem se mobilizou. No mesmo ponto em que Julia se aproximara dele, no corredor do Ministério, Winston foi interceptado por O'Brien, elogiando um artigo sobre Novafala que aquele havia publicado. Alegando ter notado o seu interesse, O'Brien, então, ofereceu-se para dar ao protagonista uma cópia da décima edição do *Dicionário da Novafala*, que estava sendo distribuída para um seleto grupo de pessoas do Núcleo do Partido. Dessa forma, ele deixou seu endereço com Winston, parece que este pudesse buscar o *Dicionário* em seu apartamento. Ainda que nas entrelinhas, porém, para Winston a mensagem era clara: a conspiração contra o Partido de fato existia e ele estava sendo convidado a fazer parte dela.

Quando foram, ele e Julia, finalmente ao encontro com que sempre sonharam – o que em que saberiam a verdade sobre a Confraria –, receberam promessas de revolução. O'Brien lhes avisou de todos os riscos que corriam – morrer, matar, enganar, falsificar, até mesmo desfigurar-se – por, finalmente, estarem se unindo aos discípulos de Goldstein, à aliança contra o Partido. O casal sentiu como se um novo mundo de esperança estivesse sendo aberto, como se o retorno ao passado fosse o futuro com que sempre sonharam.

O que seguiu, um tempo depois do encontro, foi, finalmente, o recebimento do *livro* (cujo nome oficial constava como *Teoria e prática do coletivismo oligárquico*, de Emmanuel Goldstein). O'Brien havia o colocado às escondidas na mala de trabalho de Winston, que, ao recebê-lo, trancafiou-se no quatinho alugado, longe das teletelas, para poder lê-lo em paz. Aqui parece, então, acontecer o outro movimento de emancipação individual do personagem. O primeiro ocorreu durante a escrita do seu próprio diário; o segundo, então, acontece quando ele lê nas páginas desgastadas escritas por outra pessoa tudo aquilo que já se passava em sua mente, uma confirmação da sua teoria. “Os melhores livros, compreendeu, são aqueles que lhe dizem o que você já sabe” (ORWELL, 2010, p.36).

Entre as tantas reflexões trazidas por Goldstein, destaco a seguinte:

Desde o momento em que se tornasse geral, a riqueza perderia seu caráter *distintivo*. Claro, era possível imaginar uma sociedade na qual a *riqueza*, no sentido de bens e luxos pessoais, fosse distribuída equitativamente, enquanto o *poder* permanecia nas mãos de uma pequena casta privilegiada. Na prática, porém, uma sociedade desse tipo não poderia permanecer estável por muito tempo. Porque se lazer e segurança fossem desfrutados por todos igualmente, a grande massa de seres humanas que costuma ser embrutecida pela pobreza se alfabetizaria e aprenderia a pensar por si; e depois que isso acontece, mais cedo ou mais tarde essa massa se daria conta de que a minoria privilegiada não tinha função nenhuma e acabaria com ela. A longo termo, uma sociedade hierárquica só é possível num mundo de pobreza e ignorância. (ORWELL, 2010, pp.225-226)

À luz de Rancière (1996), a política tem por pressuposto a existência da igualdade. A sociedade hierárquica registrada pelo *livro* se sustenta na busca eterna pela desigualdade, pela existência de uma classe que domina outra classe. A busca por essa igualdade, seguindo o pensamento do filósofo, precisa partir de uma dissensão, uma ruptura. Para que essa divergência ocorra, logo, é necessário que as pessoas se subjetivem, vejam-se como seres políticos. Aqui ocorre a confluência com o exemplo orwelliano: essa camada da população que não tem tempo de se escolarizar e aprender a pensar por si não tem como se emancipar e enxergar em si um

sujeito político. O mantimento de pessoas em condições desgastantes de trabalho garante a preservação do status hierárquico, desigual e antidemocrático do regime político da Oceânia. O que ocorre com Winston, do ponto de vista da teoria política de Rancière, é um “descredenciamento”, no sentido de que ele abandona a sua identidade de partidário do Grande Irmão para, a partir daí, assumir o dano, ou seja, entrar em desacordo com o sistema político da Oceânia. É justamente nesse momento em que ele recupera sua autonomia, emancipa-se do estado policial e reivindica a sua parte como um sem parte – sem direito ao amor, sem direito ao gozo. Contudo, sua subjetivação depara-se com um sistema totalitário altamente organizado para debelar qualquer singularidade que escape aos preceitos do Partido. Assim, sua emancipação momentânea, a igualdade afirmada pelo seu gesto de recusa, são rapidamente apagados, caindo numa ineficácia que, aos olhos da teoria política tradicional, faria qualquer um dizer que nas atitudes de Winston não há política. Pelo contrário, para Rancière, há política porque há dissenso, mesmo que este, posteriormente, não desague numa total e completa transformação do sistema político.

O processo de identificação pelo qual Winston passa é, contudo, cortado bruscamente. Ele percebe que participar da revolução, ser um membro da confraria, não passara de sonho breve. Enquanto conversava com Julia no ponto de encontro de sempre, ambos foram surpreendidos pela presença de outra pessoa: a Polícia de Ideias, finalmente, havia descoberto o que andavam fazendo.

A terceira e última parte de *1984* começa com Winston na prisão dentro do Ministério do Amor.<sup>3</sup> Confuso, com fome, com medo, ele se depara com as mais diversas situações ali dentro. Dividem cela com ele inúmeros outros presos, todos partindo dali apenas para ir ao Quarto 101. Smith vem a ser interrogado por O’Brien. A imagem de esperança e espelhamento, a esperança nutrida por tanto tempo de que ali estivesse um *camarada* que realmente o entenderia não passa mais de um borrão na memória. O’Brien não maquinava contra o Partido, ele era, na verdade, uma engrenagem importante para o poder do Grande Irmão.

---

<sup>3</sup> O poder na Oceânia se divide em quatro ministérios: Ministério do Amor, que mantém a ordem; Ministério da Fatura, que lida com a economia da potência; Ministério da Paz, que controla as guerras em que a Oceânia se encontra e Ministério da Verdade, onde Winston trabalha, que manipula as notícias e lida com as mudanças da língua antiga pra Novafala.



O'Brien está ali para tentar ensinar o *dudplipensamento* a Winston. Nas palavras de Orwell, "*duplipensamento* significa a capacidade de abrigar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e acreditar em ambas" (ORWELL, 2010, p.252). Ele exemplifica:

Mesmo ao usar a palavra *duplipensamento* é necessário praticar o *duplipensamento*. Porque ao utilizar a palavra admitimos que estamos manipulando a realidade; com um novo ato de *duplipensamento*, apagamos esse conhecimento; e assim por diante indefinidamente, com a mentira sempre um passo adiante da verdade. (ORWELL, 2010, p.252)

Quando se perde a liberdade de dizer que dois mais dois são quatro, o *duplipensamento* vence. O homem que precisa controlar a própria mente para não ser mutilado, torturado e, muitas vezes, até mesmo morto, é um homem que não vive em um estado de igualdade. A manobra vitoriosa de Winston, contudo, não deixa de existir só porque ele foi pego. Conforme a visão de Rancière (1996), no momento em que O'Brien está frente a frente com Winston, tentando fazê-lo confessar o que quer que seja e, acima disso, buscando submetê-lo ao pensamento de amor ao Partido, a política foi feita. No momento da prisão, dentro de uma sala no Ministério do Amor, O'Brien e Smith se igualam: houve desentendimento. No curto instante em que o protagonista tem a chance de discutir com um membro do Núcleo do Partido (ainda que este, é claro, esteja em posição de controle da situação), quando existe a possibilidade da dissensão (e, por conseguinte, ao *sem voz* é dada a palavra, fazendo um movimento de repartilha da conjunção social), há democracia. Winston Smith, mesmo que por instantes, pode se considerar subjetivado dentro daquele mundo.

O que segue em diante disso é a finalização da tortura do personagem principal. O'Brien deu prosseguimento na conversão de pensamento de Winston, que, com o passar dos dias, foi se convencendo cada vez mais que poderia moldar sua mente. O último passo foi a ida ao Quarto 101 e o confronto com seu maior medo, ratos. O intuito não era mais mexer em seu pensamento no que se referia ao Partido; o desejo agora era que ele traísse Julia, que desejasse colocá-la no lugar dele tamanho sofrimento pelo qual estava passando. A vontade da Polícia das Ideias foi atendida. Winston desistiu de defender sua amada.

Quando Winston ainda acreditava na revolução, ele cria que, se houvesse esperança, ela estaria nos proletas. De acordo com o slogan do Partido, "Proletas e animais são livres" (ORWELL, 2010, p.91). O Partido sempre demonstrou muito mais interesse em controlar os seus

membros externos do que em controlar os proletas: esses podiam reproduzir à vontade para gerar mais mão de obra. Na teoria de Rancière (1996), ao compará-los a animais, eles perdem seu valor político por terem sua voz desconsiderada. Seu controle estrito, então, não vale de nada – é apenas necessário garantir que permaneçam sempre no mesmo extrato social, vivendo parcamente, e isso, sabe-se, não apresenta dificuldade alguma. Para Winston, contudo, o seu estado era desejável:

Os proletas – ocorreu-lhe de repente – haviam permanecido nesse estado. Não eram leais nem a um partido, nem a um país, nem a uma ideia: eram leais uns aos outros. Pela primeira vez na vida não desprezou os proletas nem pensou neles apenas como uma força inerte que um dia despertaria para a vida para reformar o mundo. Os proletas haviam permanecido humanos. (ORWELL, 2010, p.198)

Quando Rancière diz que o povo “é a massa indiferenciada daqueles que não têm nenhum título positivo” (RANCIÈRE, 1996, p.23), mas possuem a mesma liberdade do que aqueles que o têm, ele conversa com o pensamento de Smith. Os proletas eram a única esperança de insurgência dentro desse sistema porque configuram a união dos *sem voz*.

A desumanização de Winston após a tortura, porém, faz com que essa crença evapore. Ele só deseja enxergar as coisas através do *duplipensar*. Não há mais esperança nem desejo de revolta. “Duas lágrimas recendendo a gim correram-lhe pelas laterais do nariz. Mas estava tudo bem, estava tudo certo, a batalha chegara ao fim. Ele conquistara a vitória sobre si mesmo. Winston amava o Grande Irmão” (ORWELL, 2010, p.346).

Como afirma Rancière (1996), a democracia não é uma forma constitucional, e sim como uma cena. Ela acontece e desaparece, num piscar de olhos, a cada vez que alguém sem voz na sociedade tem o poder de entrar em atrito com uma pessoa mais acima na hierarquia social. Winston Smith chegou lá. Assim, ainda segundo o filósofo franco-argelino, a predominância do regime policial é esperada em vista da manutenção da ordem social. Se Winston Smith, contudo, acreditava que a revolução só poderia vir dos proletas, houve aí um erro. A revolução pode vir de qualquer um que se subjetiva e faz sua voz ser ouvida – como ele, por momentos, fez.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procurou-se analisar os processos políticos existentes em *1984*, de George Orwell. Para isso, foi preciso considerar, em primeira instância, o contexto em que ela fora publicada. Sendo o apogeu da escrita literária de Orwell, o livro é fruto das experiências de vida de alguém que viveu o período de guerras na pele, inclusive tendo lutado na Guerra Civil Espanhola. Entre tantas outras ocupações, o escritor nascido na Índia Britânica foi jornalista, o que imprime em sua escrita marcas históricas e, certas vezes, até mesmo uma imparcialidade ao lidar com determinados conceitos.

Partindo disso, então, percorreu-se a linha do tempo apresentada no livro. Durante o desenvolvimento do trabalho, acompanhamos Winston Smith, protagonista do romance, um funcionário do Ministério da Verdade que demonstra se diferenciar de grande parte da população por ainda lembrar de como era a vida antes da revolução que levou o Partido IngSoc ao poder. Seu descontentamento com a realidade é claro desde o início do texto, o que o leva ao seu primeiro ato de quebra com o padrão em que vivia: a escrita de um diário. Em sequência, Winston se relaciona amorosamente com Julia – ato que, assim como o primeiro, é passível de pena de morte na Oceânia.

É essa tentativa de libertação da vida que ele leva que foi acompanhada durante a produção deste trabalho. Para iluminar as suas ações, a luz dos pensamentos de Jacques Rancière, filósofo franco-argelino cujo principal tema de discussão é a política, foi usada. Dessa maneira, o que se buscou foi unir a ficção orwelliana aos conceitos propostos em diversas obras de Rancière.

O que pode ser tomado por certo após essa trajetória é que a saga de Winston é um caminho em busca da emancipação. Em primeira análise, sua emancipação como sujeito, constituindo, assim, um processo de subjetivação. Posteriormente, diante da relação de amor com Julia e, portanto, o reconhecimento de outra pessoa *sem voz* naquela esfera a qual dividia seus princípios com ele, ele tenta expandir seus desejos para algo maior, buscando adentrar em algum tipo de sociedade secreta cheia de pessoas que também estão cansadas de serem meras observadoras da sua própria vida e do seu futuro.

É possível concluir, também, ainda com embasamento nos escritos de Rancière, que esse processo de subjetivação que Winston desenvolve durante o seu percurso no livro permite que

um momento de dissensão, ou seja, de enfrentamento, aconteça, causando a breve existência da democracia dentro dessa sociedade antidemocrática.

O propósito deste trabalho, é claro, não é esgotar as inúmeras possibilidades de análise que a obra de Orwell permite. Um livro que inspira gerações há tantas décadas tem muito mais dentro de si do que pode ser abarcado em um trabalho de conclusão de curso. O que se desejou mostrar aqui, portanto, é que, ainda que a esperança tenha acabado para Winston após este ter sido submetido ao processo de tortura e controle do próprio pensamento, ele provou que sua emancipação como sujeito foi capaz de instaurar um estado, ainda que muito breve, de igualdade em uma sociedade tão desigual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Sérgio. *O jornalista exemplar*. In: ORWELL, George. *O que é fascismo? e outros ensaios*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ITUASSU, Arthur. *Introdução à edição brasileira*. In: *Literatura e Política: jornalismo em tempos de guerra*. Tradução de Sérgio Lopes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LELO, Thales e MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. *Democracia e pós-democracia no pensamento político de Jacques Rancière a partir das noções de igualdade, ética e dissenso*. Rev. Bras. Ciênc. Polít. [online]. 2014, n.15, pp.349-374.

ORWELL, George. In: PIZA, Daniel (Org.). *Dentro da Baleia e outros ensaios*. Tradução de José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ORWELL, George. *Literatura e Política: jornalismo em tempos de guerra*. Tradução de Sérgio Lopes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ORWELL, George. *O que é fascismo? e outros ensaios*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento*. Tradução de Angela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. *Politique de la littérature*. Paris: Éditions Galillé, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *Dissensus On Politics and Aesthetics*. Tradução de Steven Corcoran. Nova Iorque: Continuum, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *Nas Margens do Político*. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Lisboa: KKYM, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramallete, Laís Eleonora Vilanova, Ligia Vassalo e Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

RONCATTO, Gabriel Muttoni. *George Orwell: Modernidade e Contemporaneidade em 1984*. Porto Alegre, 2011. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*Mapa político do mundo apresentado em 1984*. Disponível em <<http://diariocoisasimpossiveis.blogspot.com.br/2016/07/o-distopico-futuro-de-1984.html>>. Acessado em 17 de novembro de 2017.